



## GUERRA EM ISRAEL

# Biden e Netanyahu revisam negociações

O norte-americano e o israelense conversaram, por telefone, sobre a guerra que dura seis meses. No telefonema, o presidente pediu pela suspensão das operações em Rafah, onde há a maior concentração de refugiados

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, conversou ontem por telefone com o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu. Eles “revisaram as negociações em andamento” para a libertação de reféns capturados pelo Hamas no ataque a Israel em 7 de outubro, informou a Casa Branca. A conversa ocorreu em meio a mais de seis meses de guerra.

Em nota, a Casa Branca foi bastante sucinta sobre a conversa entre Biden e Netanyahu. “[Eles] revisaram as negociações em andamento para assegurar a libertação dos reféns juntamente com um cessar-fogo imediato em Gaza.”

O comunicado da Casa Branca não detalha o diálogo entre os dois. Anteriormente, Biden defendeu a suspensão de operações em Rafah, diante da ausência de um plano humanitário. Na cidade ao sul de Israel, está a maior parte dos refugiados palestinos. Segundo o porta-voz de segurança nacional da Casa Branca, John Kirby, Netanyahu teria ouvido as preocupações do norte-americano.

A Casa Branca acrescentou que foi construída uma doca pelo governo dos Estados Unidos. A expectativa é de que, nos próximos dias, o sistema entre em operação para aumentar o envio de ajuda humanitária para Gaza. Organizações não governamentais e entidades civis mantêm a organização das ações.

### Reações

O Hamas deve responder hoje à proposta mais recente de Israel para uma

trégua e a libertação dos reféns, quando os esforços diplomáticos são cada vez mais intensos para acabar com mais de seis meses de guerra. Mas avisou que “não há problemas” na proposta apresentada.

Sob pressão intensa interna e externa, o governo israelense propõe um acordo que permita acabar com os bombardeios incessantes em Gaza, governada pelo movimento islamista palestino Hamas desde 2007.

Uma delegação, liderada por Khalil Al Hayya, chegará hoje ao Egito para apresentar a resposta do movimento à proposta israelense, informou integrante do grupo.

Catar, Egito e Estados Unidos atuam como mediadores e tentam obter um novo cessar-fogo para o território estreito e devastado, Rafah. O secretário de Estado americano, Antony Blinken, deve participar da reunião em Riade na segunda-feira. Apesar da ausência de representantes de Israel no evento, o fórum é uma oportunidade para falar sobre a situação em Gaza, afirmou o presidente do fórum, o norueguês Borge Brende.

É a primeira vez em quase sete meses de guerra que as autoridades israelenses sugerem que estão abertas a discutir o fim da guerra. Uma fonte do Hamas, que acompanha as negociações, declarou à AFP que o grupo está “aberto a discutir a nova proposta de maneira positiva”.

Quase 1,5 milhão de pessoas, a maioria deslocadas pela guerra, estão aglomeradas na cidade de fronteira com o Egito,

Andrew thomas / AFP



Em Washington Hilton University, muitos ocupam o campus estudantil para pedir socorro e fim do massacre palestino

onde uma operação militar israelense seria “o maior desastre na história do povo palestino”, afirmou Mahmoud Abbas,

presidente da Palestina. Paralelamente, Israel está com uma preocupação prática: em relação às informações de que

o Tribunal Penal Internacional (TPI) venha a emitir mandados de prisão visando autoridades do país.

Andrew thomas / AFP



Manifestantes representam as vítimas e cobram o encerramento dos conflitos

## Mais de 200 presos em universidades nos EUA

Os protestos nas universidades dos Estados Unidos em apoio aos palestinos se intensificam, mesmo com ordens judiciais para a suspensão, críticas e ameaças. Apenas no fim de semana, 275 pessoas foram presas em quatro universidades dos Estados Unidos durante protestos pró-Palestina — na Universidade Northeastern, na Universidade Estadual do Arizona, na Universidade de Indiana e na Universidade de Washington em St. Louis. A Casa Branca pediu que essas manifestações sejam pacíficas.

Na lista de 100 detidos na Universidade de Washington em St. Louis, no

Missouri, Jill Stein, candidata à Presidência da República pelo Partido Verde, também foi detida. *The New York Times* e a *Fox News* informam que, desde o início dos protestos no último dia 18, pelo menos 700 manifestantes foram presos. A maioria foi libertada, segundo a imprensa norte-americana.

Os manifestantes exigem que as universidades se posicionem por um cessar-fogo imediato em Israel, encerrando a guerra que começou em outubro de 2023, e um veto ao setor bélico. Também cobram o rompimento das instituições de ensino com o governo israelense e empresas afins. Entretanto, os protestos

encontram resistências também na comunidade acadêmica, que critica os discursos antisemitas e com conteúdo agressivo. A onda de manifestações começou na Universidade Columbia, em Nova York. No local, os manifestantes fazem encenações, mantêm bandeiras palestinas e mensagens de solidariedade a Gaza.

O maior número de detidos foi em Northeastern, no Arizona, registrando 118 pessoas. A renomada Universidade de Harvard também integra a série de protestos, quando manifestantes e apoiadores montaram um acampamento no pátio da instituição.

## ITÁLIA

# Primeira-ministra lança candidatura

A primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni, de 47 anos, anunciou que vai disputar as eleições para o Parlamento Europeu. Ela é o primeiro nome da lista do partido *Irmãos de Itália*, uma manobra que se destina a impulsionar o partido de extrema direita. Com uma campanha concentrada numa pauta conservadora, de combate aos imigrantes e contra o avanço dos direitos dos LGBTQIA+ e outras minorias, a jornalista ganha força nas urnas.

A legenda de Meloni foi a mais votada nas eleições nacionais de 2022, conquistando 26% dos votos. As pesquisas apontam que ela deve obter um resultado similar nas eleições europeias de junho. Durante a campanha para as eleições de 2022, Meloni criticou a União Europeia, atacou o que chamou de “lobby LGBT” e o que descreveu como retórica politicamente correta da esquerda.

No discurso, Meloni mencionou temas polêmicos, como barriga de aluguel e o Ramadã — período sagrado para os muçulmanos, que fazem jejum, para lembrar a revelação de Alá a Maomé das escrituras sagradas. Também citou a “luta” contra a imigração

irregular e a proteção das famílias e dos valores cristãos.

### Popularidade

Com Meloni liderando a lista, o partido pode aproveitar sua popularidade, embora as regras da União Europeia estabeleçam que um candidato vencedor que já ocupa um cargo ministerial deve renunciar imediatamente ao Parlamento do bloco. Meloni conquistou sua popularidade porque é bastante ativa nas redes sociais e preserva a posição de seu partido, mantendo-se fiel à agenda conservadora, contrária aos avanços dos direitos LGBTQIA+, a ampliação do acesso ao aborto e das políticas de imigração.

Também fala claramente da sua admiração pelo ditador Benito Mussolini — que fundou o movimento, mais tarde conhecido como Partido Fascista, caracterizado por ações ultraconservadoras e autoritárias, sem espaço para a democracia e as minorias.

Determinada a ser uma voz de destaque dos conservadores, Meloni apelou para para que os eleitores a ajudem

a afastar a esquerda do poder. “Queremos fazer na Europa exatamente o que fizemos em Itália em 25 de setembro de 2022, criar uma maioria que reúna as forças de centro-direita e, finalmente, enviar a esquerda para a oposição também na Europa”, afirmou Meloni em um comício de seu partido em Pescara.

### Eleições

As eleições para o Parlamento Europeu ocorrerão de 6 a 9 de junho de 2024, quando cerca de 373 milhões de europeus irão às urnas para eleger os 720 deputados. O processo eleitoral ocorre de forma escalonada e o resultado será conhecido no dia 9.

A votação começa nos Países Baixos na quinta-feira, 6 de junho, seguidos da Irlanda na sexta-feira, 7 de junho, e da Letônia, Malta e Eslováquia, no sábado, 8 de junho. Na República Tcheca, será também no dia 7, enquanto na Itália, serão em 8 e 9 de junho.

Os outros 20 países — Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia,

AFP



De extrema direita, Giorgia Meloni se tornou popular com apoio dos conservadores

Hungria, Lituânia, Luxemburgo, Polônia, Portugal, Romênia e Suécia — realizam as suas eleições no domingo, 9 de junho. Os resultados provisórios serão publicados no domingo à noite.

O Parlamento Europeu é a única instituição europeia que é diretamente eleita pelos cidadãos. A idade mínima

para votar é definida pela legislação de cada país. Na maioria, é de 18 anos, à exceção da Grécia (17) e da Bélgica, Alemanha, Malta e Áustria (16).

Já para os candidatos, a idade mínima para se apresentar como candidato(a) varia entre os 18 e os 25 anos em toda a União Europeia.